



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

CIDADE-CORPO: OLHARES SOBRE AS PRÁTICAS AFROBRASILEIRAS NA CIDADE DE SALVADOR/BA

ALEIDA FONTOURA BATISTOTI¹

INGRID OLIVEIRA PITA²

YAGO BRUNO SANTOS DE SOUZA³

Resumo: A construção deste artigo é um processo de reflexões de três pesquisas individuais⁴, duas de iniciação científica e uma de mestrado, que a partir da proximidade dos temas e grande relevância do mesmo, se conectam a partir de suas singularidades no contexto de questões que atravessam a presença dos negros na Salvador do século XIX e XX, através de práticas cotidianas e manifestações da negritude no espaço urbano. A proposta deste artigo está ancorada na interseccionalidade das práticas do samba(r) na cidade, do trabalho de rua através do ganho e do ofício das Lavadeiras⁵. Uma vez que esses fazeres que se davam nas ruas, becos, largos, espaços aquosos ou neste limiar⁶, da rua e da casa. As mesmas são encaradas neste artigo pela chave da resistência, considerando as facetas do racismo: constantes perseguições, criminalizações, preconceitos, questões estas que tangencia(va)m os corpos negros que transita(va)m e ocupa(va)m as ruas da cidade de Salvador em busca de sobrevivência, liberdade e manifestações de suas culturas e crenças. Assim como, pelas ações que moviam os negros em articularem respostas a esses ataques - enquanto greves, revoltas e combates as estruturas representativas. O artigo propõe refletir e construir discursos da presença e contribuição dos negros na construção da cidade Salvador, seja ela física, material ou simbólica.

Palavras-chave: Práticas cotidianas, trabalho de ganho, samba, lavadeiras

DIÁSPORAS: atravessando o atlântico

O mar sentiu o peso dos navios negreiros repletos de africanos sequestrados, roubados, raptados. E é neste mesmo mar atlântico onde, na terceira diáspora, criam-se negritudes emancipadas de traumas e desejos coloniais. O mar é a máxima expansão da água que

¹ Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia. aleidabatistoti@gmail.com

² Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. – FAUFBA. ingrid.pita@gmail.com

³ Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. FAUFBA. yago_santos23@hotmail.com

⁴ As pesquisas foram desenvolvidas dentro de um grupo coletivo de pesquisa - Urbanidades Liminares, coordenado pela professora Thaís Troncon Rosa, as pesquisas individuais alimentam a pesquisa coletiva, com a premissa de inter cruzar questões comuns ao coletivo - como noções de limiar, margem e urbanidade.

⁵ Considera-se também a proximidade entre ambas por encarar que seus praticantes transitavam dentro destas práticas, assim como transitavam pela capoeira, candomblé e outras práticas afro-brasileira.

⁶ O limiar na perspectiva de contrapor com o conceito de fronteira, o limiar é uma zona que abarca possibilidades, trata-se aqui de limiar como lugar de transição, a transição entre o espaço da rua e da casa, a possibilidade do dentro e fora. (ROSA et al, 2017).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

nos compõe. Todo negro precisa saber nadar, para compreender a diferença entre naufrago e mergulho. (BRASILEIRO, Castiel Vitorino, 2018).

As práticas que serão abordadas neste artigo, são resultados do processo de colonização do Brasil, em especial, da Bahia, que a partir dos ciclos do tráfico negreiro entre 1501 e 1886 desembarcaram cerca de 1,5 milhões de negros escravizados na Bahia, segundo dados da plataforma SlaveVoyage. “No mar salgado temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano” (AKOTIRENE, 2019, p.20).

Os corpos negros que na Bahia chegaram e que aqui serão narrados, por meio das práticas, são sobreviventes da diáspora. De um deslocamento forçado. Corpos violentados, corpos mercadoria-objeto. Vindos nas piores condições imagináveis, como apresenta Costa:

“ A sordidez do ambiente nos navios negreiros era tamanha que muitos escravos sucubiam na própria viagem. Eram porões úmidos, amontoados de negros, uns por cima dos outros, com péssimas condições higiênicas, sem espaço para a latrina, em viagens que duravam meses, constituindo um ambiente propício para a proliferação de doenças. Recebiam uma ração alimentar escassa à base de feijão, milho e farinha de mandioca, que muitas vezes estavam deteriorados. Algumas vezes morriam negros que só eram jogados ao mar dias depois. “ (COSTA, 1989, p.24)

A diversidade de culturas afrobrasileiras, proveniente dos ciclos do tráfico negreiro (Guiné, Costa da mina, Angola), trouxeram uma bagagem corporal nos escravizados que se transmutaram ao longo do tempo e conforme as condições locais se materializaram em práticas cotidianas de sobrevivência frente às violências enfrentadas.

O estudo se volta para as práticas do século XIX e aproximando-se do século XX, apontando que ainda há heranças tanto da cultura negra, quanto do processo de colonização vivido no Brasil.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Pretende-se neste artigo confrontar as práticas negras cotidianas, frente aos processos de marginalização e tentativas de apagamento que as mesmas sofreram e sofrem até os dias atuais, do trabalho de ganho ao trabalho de rua, e do samba marginalizado ao samba legitimado. A condição do negro escravizado nos leva a refletir acerca de dois processos: o desenraizamento, por conta da violência do tráfico negreiro, e a ressignificação, por conta do atravessamento com negros de outras culturas que também desembarcaram na condição de escravizados.

Segundo Fanon (2008), todo povo colonizado - isto é, todo povo que no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, que no processo do Brasil colonizado se revela como a linguagem do ordenamento civilizatório pela elite branca, onde o processo de dominação e tentativa de apagamento e cerceamento de manifestação das expressões culturais negras negaram historicamente a constituição de identidades negras.

CIDADE-PORTO: chegadas e partidas

Entender as cidades a partir da relação com o mar tendo como referencial de chegadas e partidas os portos é um ponto de inflexão neste artigo para refletir acerca das práticas dos trabalhadores durante o século XIX e XX. Na Salvador do fim do século XIX a sua dinâmica portuária constituiu-se de vital importância para o crescimento do trabalho de ganho nas ruas, como ressalta Muniz Sodré (1988):

O porto teve papel importante nesse processo de ascensão socioeconômica. As atividades portuárias de Salvador (que não discriminavam a mão-de-obra liberta) expandiram-se notavelmente, apesar da crise do Recôncavo açucareiro. Mas também o porto do Rio de Janeiro foi acolhedor para os migrantes baianos. Os antigos dos terreiros recordam-se ainda hoje dos que migravam para trabalhar na estiva carioca – e morar na região da Saúde. (SODRÉ, 1988, p.77).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Era na cidade baixa, na região do porto, que os “grevistas”⁷ se encontravam, realizando outras atividades como busca de emprego, notícias. Lá eles circulavam, vadiavam e também conspiravam. (VELLOSO, FONSECA, 2019). Desse modo, associamos a produção do espaço urbano nas adjacências do porto de Salvador à forte presença dos negros, em um vai e vem transportando mercadorias através de ladeiras e ruas estreitas. A conexão entre cidade alta e cidade baixa, em grande parte, se dava pelas ladeiras, pois foi apenas em 1871 que o Elevador Lacerda foi construído, porém, para um público seletivo, enquanto que nas ladeiras, ocorria o vai e vem da população, seja nas primeiras horas da manhã “quando desciam negociantes e trabalhadores, vendedores ambulantes e carregadores” (MATTOSO, 1992, p. 439) ou final de tarde ao retorno do trabalho.

Essa gente zanzava o dia todo, ladeira abaixo, ladeira acima, os tabuleiros sempre harmoniosamente arrumados – equilibrados na cabeça, roupas de cores vivas, porte altaneiro, língua afiada [...] Vendia-se de tudo nas ruas de Salvador, de carvão a legumes. Especialistas em quitutes de proveniência africana não faltavam em nenhum bairro (MATTOSO, 1992, p. 494).

Uma das práticas dos ganhadores neste sobe e desce de caminhos íngremes e árduos era o canto, cantoria, que afirmava sua cultura e identidade. As canções de trabalho faziam parte das caminhadas, mas sobretudo as letras denunciavam as condições e realidades vivenciadas: críticas acerca dos senhores, dos brancos e da escravidão (REIS, 1991).

Arelado ao comércio de corpos negros⁸, na cidade porto de Salvador, tem-se uma superpopulação de escravos, em especial de ganho, segundo Costa (1989) em 1855, do total de 3.170 trabalhadores do porto, 43,3% eram escravos”. Fazia-se de tudo para subsistência no meio urbano, dentre essas atividades tem-se a lavagem de roupa enquanto ofício aquoso mas não a única, havendo a presença do aguadeiros⁹ enquanto

⁷Grevistas da greve negra de 1857.

⁸ No porto “vivia um grande contingente da população, constituindo um mercado de trabalho tanto para os homens livres quanto escravos, gerando uma série de conflitos pela competitividade neste mercado” (COSTA, 1989, p. 21)

⁹ Os escravos aguadeiros correspondem aos carregadores d’água responsáveis pelo abastecimento das casas da Salvador do século XIX (COSTA, 1991; NETO, 2005).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

responsáveis pelo abastecimento das casas - uma vez que inexistiam infraestruturas hidrossanitárias - dentre uma série de outras presenças advindas do ganho que compunha a paisagem neste trânsito do século XIX para o XX, como sinalizam os seguintes autores:

O escravo de ganho era fundamental para o funcionamento de Salvador, que se caracterizou como cidade comercial-escravista. Além do comércio importador-exportador e interprovincial, desenvolvia-se em Salvador um comércio local bastante intenso, dele se abastecendo a cidade e seus subúrbios, como também as cidades e povoados do Recôncavo. Esse comércio local mobilizava um número considerável da população livre da cidade, que dependia dele para sua sobrevivência, além de representar um mercado de trabalho para os escravos de ganho. (COSTA, 1991, p. 20)

[...] o caminho da fonte era um percurso comum para a grande parte da população de Salvador na República Velha, visto serem poucas as casas que podiam contar e pagar a água encanada. As fontes do Gabriel, Pereira, Padre, Pilar, Água de Meninos, Queimados, Pedras, Nova, Dique, Tororó, dentre outras tantas espalhadas pela cidade, eram lugares ruidosos frequentados por centenas de pessoas, sendo que os aguadeiros, as lavadeiras e os seus filhos pequenos seriam, no fluxo de pessoas que dirigiam-se às aguadas públicas, a presença mais constante.” (NETO, 2005, p.48 Apud FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Salvador das Mulheres: condição feminina na Belle Époque imperfeita. Salvador: FFCH-UFBA, 1994, p. 55).

CIDADE-CORPO: as práticas do samba(r)

O processo de investigação das dinâmicas sociais, da produção de espaços e de sociabilidades na cidade através da prática do samba(r) na cidade se dá por meio da pesquisa de registros documentais que trazem vestígios desta prática no século XIX.

O caráter investigativo parte, como questão disparadora, das práticas contemporâneas da apropriação na Pedra do Sal no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, pelas rodas de samba cariocas. O território da Pedra do Sal se encontra nas proximidades da zona portuária e tem forte relação histórica com o êxodo de negros advindos da Bahia (VELLOSO, 1989). Assim, o território da Pedra do Sal e os processos históricos de deslocamentos que estão associados à produção do espaço se configuram como um referencial ponto de partida para refletir sobre possíveis trajetórias existentes dentro da própria cidade de Salvador e entre seus municípios vizinhos como Santo Amaro da



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Purificação e Cachoeira, os quais historicamente possuem uma presença negra na história do samba pela própria formação dessas cidades - que possuíam sua economia até meados do séc. XX girando em torno dos engenhos de cana de açúcar (IPHAN, 2006) e também do fumo de corda¹⁰.

A metodologia de pesquisa foi trabalhar com os fragmentos documentais históricos e iconográficos a fim obter informações para compreender como se dava a prática do samba desde o séc. XIX nos espaços da cidade observando as relações de sociabilidades e/ou repressões estabelecidas compreendendo a passagem de repressão à legitimação que o samba adquiriu ao longo do tempo. Os fragmentos históricos recolhidos foram coletados dos trechos do jornal O Alabama: Periódico crítico e chistoso, publicado entre 1863 a 1890, na cidade de Salvador.

janeiro 1844

“ontem quase 9 horas da noite, depois das prisões fechadas, ouvi um alarme, que não podia perceber se era samba de africanos, ou de nacionais (...) vim à guarda informar-me aonde era aquele estrondo, quando vi que era na 4a prisão desta cadeia (...) imediatamente disse ao sargento mandasse a sentinela conter a ordem naquela prisão: cessou o samba (...)” Joaquim José dos Santos Vieira - Carcereiro da prisão municipal. (IPHAN, p.30, 2006 apud REIS, p.130, 2002).

Segundo o historiador João José Reis, este seria o primeiro registro na Bahia com a menção do termo samba. O registro traz a perspectiva da marginalização da prática do samba, visto como vadiagem e o espaço do encarceramento como tentativa de controle, além da relação polarizada de diferenciação entre o samba de “africanos” e o samba de “nacionais”. Afinal, o que diferenciava essa polarização?

¹⁰ A influência de Santo Amaro e Cachoeira na trajetória e a presença do samba na constituição do cotidiano das pessoas nessas cidades é expressa nas letras dos sambas de roda, onde no período escravocrata e a perpetuação de algumas práticas o trabalho era o lugar dessas criações, evidenciado em algumas músicas como Eu vi o sol, vi a lua clarear e também na trajetória de Dona Dalva do Samba de Roda Suerdick.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O imaginário de cidade que se constrói a partir dos fragmentos textuais históricos apresentados abaixo aponta para uma narrativa de cunho opressor frente às expressões culturais afro brasileiras calcadas pelos negros nos intra espaços¹¹ durante o período colonial. Segundo Ferreira Filho (1994), no século XIX, a proibição dos batuques fez parte de uma ação estratégica de cerceamento de erupção de uma identidade negra através da repressão jurídico-policial, caracterizando assim as ações de tentativas de ordenamento da cidade de projeto civilizatório dominante da elite branca e higienista.

O ALABAMA | maio 1864

“Ao Sr. subdelegado de Sant’Anna, ainda uma vez chamando sua atenção para os becos do Araçá e Consolo, na rua do Castanheda, afim de que S.S providencie para que não continuem ali constantemente sambas e desordens, offendendo a moral e perturbando do socego publico”

O ALABAMA | agosto 1869

“Officio ao Ilmo. Sr. subdelegado da Sé pedindo-lhe que mande chamar as moradoras do 1º e 2º andar do sobrado n.12, a ladeira da Misericórdia, as quaes vivem constantemente em sambas e algazarras, o que bastante incommoda os moradores visinhos [...]”

O ALABAMA | novembro 1871

“Ao Ilmo. Sr. subdelegado da Sé, enviando-lhe uma reclamação de moradores da rua do Tijollo que se queixam dos frequentes sambas, que ha na casa n.11, como perturbadores do repouzo e descanso nocturno; para que o S.S. a tome na consideração que julgar merecer.”

¹¹ Os intra espaços se caracterizam por espaços que são antagônicos ao espaço da rua, são espaços como as casas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

“Aconteceu no sabbado para os lados de S.Lazaro, freguezia da Victoria, que um homem premeditasse o sinistro intento de fazer que outro, em quanto dormia, fosse passeiar outra vida [...] - O crioulo Leopoldo deu um samba no sabbado em sua casa. [...]”

Os fragmentos do jornal O Alabama que fazem referências aos sambas que ocorriam na cidade, durante o período colonial, colocam a prática majoritariamente na chave da desordem, algazarra e geração de incômodo à vizinhança apontando para intra espaços, como a casa, como lugar da prática, entendendo que a rua ainda não era um potencial espaço devido às repressões policiais e à instauração de um ordenamento de cidade.

Quando se fala em samba de roda é preciso falar também de uma memória afro transatlântica, a partir dos deslocamentos forçados do tráfico negreiro que de certo modo criou território para o surgimento de uma cultura afrobrasileira. A presença e a contribuição dos bantus¹² na Bahia é marcada historicamente pela relação do processo escravagista nos engenhos de açúcar nas regiões de Cachoeira, São Félix e Santo Amaro, que possuem destaque e referência no cenário do samba de roda.

O samba de roda não nasce como samba, mas se transmuta ao longo do tempo através das práticas de dança e toques que entoavam os chamados batuques. Assim, como batuque é uma caracterização generalizada através de um olhar estrangeiro¹³ para uma ampla variedade de manifestações corporais, o termo samba de roda se torna uma representação genérica para congregar uma série de variações regionais.

Batuque era o nome genérico que o português dava às danças africanas suas conhecidas ainda no continente negro, que na Bahia tomam a forma de uma dança-luta que ocorria aos domingos e dias de festas na praça da Graça e na do Barbalho, apesar da constante vigilância policial. Entretanto, se o Conde dos Arcos, governador da Bahia

¹² Segundo MUKUNA, bantu e sudanês são termos linguísticos para designar a zona cultural e os povos dessa terra. Mukuna divide ainda o continente africano em 3 zonas culturais de modo a entendermos a divisão territorial do continente: Árabe, Faixa sudanesa, Bantu e Congo/Angola

¹³ O olhar estrangeiro aqui explanado se baseia nas representações dos registros iconográficos históricos realizados pelos viajantes que passaram pelo Brasil registrando os modos de vida e paisagens, principalmente a partir das ilustrações Danse Landu, Danse Batuca, Danse de La Guerre (1835) do pintor alemão Johann Moritz Rugendas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

no início de século, defendera a libertação dos batuques de nação, argumentando que estes “renovariam as ideias de aversão recíproca que lhes eram naturais desde que nasceram, e que todavia se vão apagando pouco a pouco com a desgraça comum”; com a revolta de 1814, a permissão do conde dos Arcos é revogada e os batuques são novamente proibidos, assim como a permanência de negros em tendas, botequins e tavernas. (MOURA, p.40, 1995).

O rito de passagem das práticas do samba(r), no contexto nacional, é demarcado pela legitimação do samba carioca como o símbolo nacional de representação cultural do Brasil miscigenado durante a Era Vargas. Em Salvador, do batuque ao samba de roda, o processo de patrimonialização pelo IPHAN¹⁴ se caracteriza como um ponto de inflexão para o entendimento da prática e da transmutação de uma prática historicamente marginalizada que passou do lugar de repressões, proibições e tentativas de apagamento ao reconhecimento, enaltecimento e cooptação cultural pela camada da população branca elitizada.

O processo de reconhecimento do samba de roda como patrimônio passa pela chave da homogeneização e territorialização dos municípios, gerando uma possível cristalização de uma cultura que se faz histórica e cotidianamente, podendo cair na reprodutibilidade de espaços e na homogeneização das essências de cada território.

CIDADE-CORPO: As práticas do ganho

A partir da investigação em andamento acerca do trabalho de rua contemporâneo na cidade de Salvador/BA, a história foi acionada no esforço de compreensão do presente. Em uma temporalidade estendida, volta-se ao século XIX em busca dos processos de trabalho existentes, mergulhados no sistema de colonização e escravidão. Assim, essa

¹⁴ No dia 30 de setembro de 2004, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, que atua junto ao Iphan, aprovou o Registro do samba de roda do Recôncavo baiano e concedeu a esta expressão musical, poética e coreográfica o título de Patrimônio Cultural do Brasil. O Samba de Roda do Recôncavo Baiano foi inscrito no Livro de Registro das Formas de Expressão em Outubro do mesmo ano. Em 25 de novembro de 2005, juntamente com outros 43 bens culturais provenientes de várias partes do mundo, foi proclamado pela Unesco Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Em 2013 o projeto de Lei 6.360 instituiu o Dia Nacional do Samba de Roda.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

vertente da pesquisa surgiu ao questionar-se se há proximidade, interferência ou “herança” desta prática de trabalho com os dias atuais. Contudo, falar sobre o trabalho de ganho existente na Salvador do século XIX necessitaria de muito mais espaço do que o disponível aqui¹⁵. Portanto, pensando no intercruzamento das três práticas aqui propostas, pretende-se, de forma resumida, abordar pontos para o diálogo acerca das práticas de ganho, apontando seus ofícios e praticantes, a organização do trabalho no espaço urbano, assim como destacar a discriminação, repressões e normatizações que eram rebatidas nos corpos negros e em suas práticas, evidenciando o racismo existente. O trabalho de ganho, prática essencialmente urbana, utilizava das ruas, largos e praças para realização de seus ofícios¹⁶. Era composto por homens e mulheres, negros ganhadores e negras ganhadeiras¹⁷, ambulantes, lavadeiras, engomadeiras, aguadeiros, por vezes escravos, libertos ou alforriados. A rua era “espaço de trabalho por excelência, onde se desenvolviam as mais variadas relações entre os negros” (COSTA, 1991, p. 27).

O trabalho desempenhado pelos negros de ganho¹⁸ estava vinculado ao transporte e distribuição de mercadorias e pessoas, transportavam cargas e bagagens, volumes grandes e pequenos, como cartas, mercadorias importadas, barris de cachaça e água, caixas de açúcar, até *dejetos humanos*. Também transportavam pessoas, através da cadeirinha de arruar¹⁹, e desempenhavam o exercício de venda de mercadorias e eram artesãos²⁰.

¹⁵ É possível acessar uma pesquisa maior desenvolvida por uma das autoras em: (BATISTOTI, 2019).

¹⁶ Como ainda hoje, utilizando de novos mecanismos para acesso de clientes, como os pontos de ônibus e o próprio ônibus.

¹⁷ Tais atividades vão se reformulando com o passar do tempo e contexto histórico, contudo esses trabalhos realizados no passado ainda estão presentes nas ruas de Salvador, como as baianas de acarajé e carregadores em feiras, além de tabuleiros em becos e “cantos” vendendo frutas e verduras.

¹⁸ O trabalho de ganho da época estava diretamente vinculado ao funcionamento da cidade por meio dos serviços urbanos como circulação de mercadoria, pessoas, sistema de iluminação, água e esgoto.

¹⁹ No final da década de 1880, a cadeira de arruar já não era mais utilizada com tanta frequência, o que anteriormente grande parte dos ganhadores se dedicavam a esta ocupação.

²⁰ Enquanto os trabalhadores estavam no canto, “descansando”, realizavam trabalhos como tecer chapéus, esteiras, e outras atividades manuais.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Diferentemente dos ganhadores, as ganhadeiras²¹ concentravam seu comércio com atividades de venda de comidas²², em grande parte de iguarias africanas, e, em segundo plano, tecidos e miudezas. O trabalho de vendedora, desempenhado por elas, apresenta proximidade com atividades desempenhadas em África²³, “onde eram consideradas exímias comerciantes²⁴ [...] pois que em muitas sociedades africanas delegavam-se às mulheres as tarefas de subsistência doméstica e circulação de gêneros de primeira necessidade” (SOARES, 1994, p.53-54).

Ganhadores e ganhadeiras que se encontravam na condição de escravos eram colocados nesta prática por seus donos, uma vez que os trabalhadores eram obrigados a repassar quantia significativa do que recebiam aos seus “senhores”, e podiam ficar apenas com o excedente do que ganhavam²⁵.

Os negros e negras do ganho desempenhavam seus trabalhos em movimento²⁶ ou fixados em locais estratégicos da cidade, conhecidos como cantos: locais de concentração dos escravos e libertos, trabalhadores de ganho, que se encontravam ali a espera do trabalho. Encontravam-se em cruzamentos de ruas e esquinas, ocupavam locais da cidade conforme estrutura física de mobilidade e funcionamento, sendo pontos de referência, facilitadora para negociação e chegada dos clientes. O canto recebia o nome conforme a localidade que se instalava, e cogita-se que os cantos vinham da inspiração dos grupos de trabalho voluntários da África Ocidental, conhecidos como aro

²¹ A presença e articulação das mulheres era tão grande, que Costa (1989) traz a existência de uma quitanda no Pelourinho, frequentada por cerca de cem ganhadeiras, funcionando quase como um mercado.

²² Entre as comidas, pode-se encontrar: canjicas, mingaus de tapioca, quentes açaçás [parecido com o abará de hoje], mungunzá, arroz e carne seca, carne de baleia, inhames cozidos, caruru, diversos tipos de doces e salgados, além de frutas, verduras, refrescos, água, aguardente, bolos, pães, peixe frito ou carne de sol, angu, feijão e farofa, arroz de hauçá, feito com iscas de carne de sol frita (MATTOSO, 1992; GONÇALVES, 2018; DURÃES, 2006).

²³ Grande parte das ganhadeiras africanas é oriunda da costa ocidental da África, em que era tarefa essencial feminina o trabalho em pequeno comércio, proporcionando papéis econômicos importantes para elas (SOARES, 1994).

²⁴ As ganhadeiras possuíam o “monopólio” de alguns produtos, como o peixe, que era exclusividade de “ganhadeiras peixeiras”, que recebiam todo o produto dos pescados para revenda no varejo. O mesmo acontecia na distribuição das frutas, e do comércio varejista de produtos perecíveis (SOARES, 1994).

²⁵ Havia casos de escravos de ganho morando fora da casa de seus senhores, ficando a cargo deles se auto sustentarem com o excedente que recebiam do ganho. Pela condição social que ocupavam, residiam em locais afastados do centro urbano e compartilhava a moradia com pobres, libertos ou escravos.

²⁶ Neste movimentar constante das ruas, negros ganhadores cantavam músicas em ioruba, como foi dito no início, “ Ô, cuê... Ganhadô, Ganha dinheiro, Pr’a seu sinhô” (REIS, 1991, p,12).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

entre os iorubás.

Longe de ser apenas local de trabalho, o canto era espaço que misturava religião, capoeira e redes de parentesco, era espaço de confluência, de encontro, reunião, local de luta, disputa, cultura e fortalecimento, de conspiração e organização, sendo ele um facilitador na mobilização para a revolta de 1835. Havia chefes de cantos conhecidos como capitães-do-canto cuja função incluía negociar, contratar serviços com clientes, designar tarefas, receber e dividir a fêria, e mediar conflitos, porventura surgidos entre ganhadores. Ainda acerca dos cantos, Soares (1989) relata que com tentativas de controle, o poder público buscava promover e regular as atividades nos cantos, evidenciando a importância que os mesmos tinham no funcionamento da cidade.

Apesar dos negros e negras serem maioria no uso das ruas, eles não possuíam total liberdade para livre circulação. Quando escravos, só poderiam estar nas ruas e comercializar se possuíssem “passes” autorizados pelos senhores, e no caso dos libertos, passaportes disponibilizados pela polícia (REIS, 1991). Durães (2006, p. 82), afirma que, naquela época, “para ser preso bastava estar na rua e ser negro, mestiço ou estar inserido em atividades ditas perigosas, no caso, nas atividades de ganho”.

Dois movimentos que envolveram trabalhadores de ganho e funcionaram como gatilhos para mudanças no tratamento dos negros com suas práticas foram a Revolta dos Males, em 1835²⁷, e a greve negra de 1857, em que os ganhadores²⁸, principalmente nagôs, tiveram papel central no movimento que teve importante dimensão étnica. Com a vitória das autoridades baianas, as mesmas impuseram forte controle aos cantos de trabalho, porém, por meio da resistência de escravos e libertos africanos, obtiveram êxito ao conseguirem garantir autonomia desses grupos de trabalho (REIS, 1991, 2000).

A greve surgiu em um contexto de forte controle e normatização do ganho, em que a municipalidade queria impor aos ganhadores (as mulheres não estavam inclusas) que

²⁷ Havia escravos de diversas partes da costa africana (Luanda, Benguela, Cabinda), contudo, no período da revolta, a maior parte vinha dos portos do golfo do Benim (Ajudá, Porto Novo, Badagri, Lagos) e estes eram quem estavam de modo direto ligados à revolta (REIS, 2014).

²⁸ Os escravos urbanos, por possuírem mais independência do que aqueles em contexto rural, podiam se organizar mais facilmente, como ocorreu no movimento de 1835 (REIS, 2014).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

se registrassem, e, a partir disso, só poderiam trabalhar mediante licença disponibilizada pela Câmara Municipal. Sendo obrigados a pagar uma taxa de dois mil reis e utilização de uma *chapa metálica com número de matrícula no pescoço*, com o intuito de controlar e identificar os ganhadores²⁹. Em total desacordo com as exigências impostas, ganhadores organizaram uma greve, por uma semana, parando por completo os carregamentos e distribuição da cidade, uma vez que eles eram os responsáveis por essas atividades (REIS, 1991, 2000).

Posteriormente á greve de 1857, e com a proximidade da abolição em 1888, a prática de ganho foi adquirindo novos contornos, em particular com mais controle e restrição da liberdade do trabalho. Efetivou-se o pagamento de taxas para prática do ganho. O controle dos trabalhadores estava cada vez menos nas mãos dos senhores, e passando ao Estado o poder de controlá-los³⁰.

²⁹ Hoje em dia, os trabalhadores de rua, ambulantes, precisam tirar o alvará junto a prefeitura para se fixarem em um local, ficando a cargo do poder público escolher quais são os locais aptos para se instalarem.

³⁰ Assim como no passado, em que o poder de controla-los passou dos senhores para o estado, sendo a polícia o órgão controlador, nos dias atuais há a presença do RAPA, que é ficais do município que dispõe do poder de apreender mercadorias e proibir a livre comercialização, agindo na maioria das vezes de forma truculenta e opressora.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A Greve Negra de 1857 é um exemplo de corpos violentados e que, ainda assim, conseguem reagir e desvelar verdades profundas. São potências de paz e o são justamente por surgirem em uma nação em que a paz e o pão são tratados como privilégios. Negritude, classe e crime no Brasil seguem conectados. O encarceramento e o trabalho subalterno crescem. A partir de 1831, proibido oficialmente o tráfico internacional de escravizados, o governo passou a policiar e apreender navios negreiros. Os negros que eram confiscados em tais condições eram alocados em obras públicas, trabalhos compulsórios em troca de um soldo miserável, passando, ironicamente, a ser denominados “africanos livres” (VELLOSO, FONSECA, 2019).

CIDADE-CORPO: As práticas das lavadeiras

A partir de estudos acerca dos ofícios aquosos incidentes em Itapuã, um bairro periférico e tradicional dentro do contexto soteropolitano, é que surgem os ofícios da pesca e trabalho de ganho enquanto perspectiva de entendimento histórico Outro³¹ sobre a formação da cidade de Salvador. Havendo um enfoque para os fazeres recorrentes na Lagoa do Abaeté, a prática da lavagem de roupas destaca-se por seu impacto no cotidiano não somente deste bairro, como em todo o centro da cidade³². Apesar de seu surgimento temporal ser incerto, parte-se do entendimento das relações coloniais escravistas em que o trabalho de lavadeira consolida-se atrelado à submissão da figura feminina negra enquanto poder executivo de tal labor - dentre outras funções que

³¹ Entendendo o Outro enquanto locus epistemológico (RIBEIRO, 2017) pautando investigações para além da dualidade hegemônica do Formal X Informal como pontua Thaís Rosa (2018) no capítulo ‘Pensar por Margens’ do tomo ‘Nebulosas do Pensamento Urbanístico “[...] emergem rupturas em relação aos processos históricos de produção das cidades brasileiras, há também uma série de continuidades e permanências, nas quais se evidenciam processos de longa duração vinculados, sobretudo, às desigualdades e diferenças sob as quais tal produção se constitui. Dessa perspectiva, a produção, os usos, as apropriações da cidade pelas camadas populares, em seus atravessamentos de classe, raça e gênero, recobram seu lugar como componentes centrais da questão urbana contemporânea no país. (GLEDHILL; HITA; PERELMAN, 2017, p. 42)” (ROSA, 2018. P.184).

³² Sobre o impacto desses ofícios aquosos na paisagem urbana da Salvador do fim do século XIX e começo do XX, tem-se destacado por Francisco A. N. Neto (2005) em ‘A Condição Social das Lavadeiras em Salvador (1930-1939)’: “o caminho da fonte era um percurso comum pra a grande parte da população de Salvador na República Velha, visto serem poucas as casas que podiam contar e pagar a água encanada. As fontes do Gabriel, Pereira, Padre, Pilar, Água de Meninos, Queimados, Pedras, Nova, Dique, Tororó, dentre outras tantas espalhadas pela cidade, eram lugares ruidosos frequentados por centenas de pessoas, sendo que os aguadeiros, as lavadeiras e os seus filhos pequenos seriam, no fluxo de pessoas que dirigiam-se às aguadas públicas, a presença mais constante.” (Apud FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Salvador das Mulheres: condição feminina na Belle Époque imperfeita. Salvador: FFCH-UFBA, 1994, p. 55).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

envolviam o trabalho doméstico na casa dos senhores. Com o poder e status que a aquisição e aparência das roupas tinham na cosmovisão das elites – sendo eles uma camada comportamental-modelo para os demais extratos da sociedade soteropolitana – do fim do século XIX em um contexto envolvendo o higienismo enquanto ideologia, a prática da lavagem de roupa adquire uma proporção vital dentro das dinâmicas urbanas de Salvador, revelando toda uma estrutura às margens que se criava para manutenção desses símbolos de riqueza e prosperidade (NETO, 2005).

O ofício de lavadeira perdura até a atualidade, de forma remanescente em alguns bairros periféricos do centro da cidade, sendo que a abordagem pelas lavadeiras da Lagoa do Abaeté dialoga com as figuras remanescentes deste ofício na contemporaneidade, representadas por Dona Maria Xindó (72 anos) e Verônica Raquel (33 anos), moradoras do bairro de Itapuã, filhas de lavadeiras/ganhadeiras e de pescadores e contribuintes iniciais no processo de entendimento histórico dessas práticas que, inicialmente, possuem uma relação intrínseca com os espaços aquosos³³ existentes na cidade de Salvador. A partir de uma investigação em cima das relações de produção de espaço que se torna possível compreender a dimensão estruturante de tais ofícios para o funcionamento da cidade e as conexões entre o centro e suas imediações, uma vez que o ofício de lavadeira compreende - historicamente - deslocamentos de roupas das casas dos clientes para as casas das lavadeiras e, posteriormente, para seus locus de trabalho - caracterizado pelas fontes, lagoa e dique ao longo dos anos, atingindo seu apogeu, em termos de usos, entre os séculos XIX e XX mas que passa a caracterizar-se enquanto um ofício caseiro no fim do século XX, como é possível observar a seguir:

“Quanto ao tipo de trabalho da lavadeira, que se diz trabalho autônomo, esta autonomia é bastante relativa: a lavadeira tem que entregar a roupa no dia marcado, tem que usar material que a patroa dá, tem que trabalhar quando a água chega, não pode começar antes, tem que aproveitar quando o sol aparece. Quer dizer, há mil condicionamentos que reduzem muito a autonomia da lavadeira. Sem dúvida, há uma margem de iniciativa

³³ Entendendo os ‘espaços aquosos’ enquanto espacialidades para a ocorrência dos diversos ofícios aquosos, aqui nos deteremos nas fontes, lagoas e dentre outras estruturas necessárias para a ocorrência do ofício de lavadeira.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

própria: ao mesmo tempo em que está trabalhando, pode tomar conta do filho, algumas interrompem o trabalho para tomar um café, comer alguma coisa”. (CEAS, 1989, p. 45)

Apesar de tal condicionamento ao ambiente da casa, nos anos 80, há uma grande articulação dessas lavadeiras diante de uma perspectiva de aposentadoria e remuneração justas, onde é possível de se ter contato com os silenciamentos sofridos por tais mulheres em suas relações com as ‘patroas’, revelando o grande contingente de mulheres atuantes na profissão, assim como o impacto destas na gestão cotidiana urbana.

CRUZAMENTOS, REFLEXÕES E CONCLUSÃO

Os processos de deslocamentos forçados e/ou induzidos é uma das facetas da estrutura do racismo, sendo um fator indissociável para o entendimento da conformação dos espaços urbanos nas cidades a partir da presença afrodiáspórica desde o século XIX. Refletir acerca das práticas e da presença dos negros, em Salvador, diante das perseguições, criminalizações e normatizações de uso dos espaços evidencia que, para além das práticas, o que estava em jogo era quem eram os praticantes. Muito possivelmente os sujeitos aqui enunciados compartilhavam dessas práticas interseccionalmente, podendo estar presentes em todas elas, onde a moradia-trabalho-lazer se atravessam.

Historicamente o samba foi estigmatizado, principalmente, por sua relação com essas corporeidades marginalizadas, diferentemente da atualidade - que nos revela um processo de embranquecimento dos protagonistas e dos praticantes do samba(r). Refletir sobre o espaço da rua a partir da corporeidade dos negros, tendo em vista o processo de ocupação das ruas pelos negros fora conquistado primeiramente através do trabalho de ganho. A rua como lugar de festejo começou a aparecer no âmbito da codificação da cultura negra sincretizada e legitimada pelo branco nas festas populares do calendário religioso.

Pensar a relação do dentro-fora, da casa e da rua, do público e do privado enquanto possibilidades complementares e não dicotômicas acerca da produção da cidade se faz



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

imprescindível enquanto produção da cidade tendo em vista que há uma passagem, um limiar presente na prática do samba como intermezzo integrador nestes espaços. O espaço dentro, da casa, é visível na composição dos fragmentos textuais retirados do *O Alabama*, onde os relatos estão descritos na chave do intra espaço, a rua ou beco aparece como elemento localizador que as práticas aconteciam. A rua é chegada, canal de comunicação com a casa, com o intra espaço, é onde habita uma multiplicidade de dinâmicas socioespaciais, não necessariamente em função do samba, mas do fazer cidade cotidianamente. A rua é encruzilhada, movimento, corpos em intersecção em encontros de sociabilidade e conflitos.

Pensar esse atravessamento através do canto é uma possibilidade, presente nas músicas que acompanhavam esses trabalhadores/as, sambadores/as e lavadeiras, para pensarmos acerca da produção do espaço pelos negros, suas práticas cotidianas e as violências enfrentadas. Suas experiências de trabalho/moradia/lazer os condicionam, também, à uma produção constante de cidade em uma perspectiva multiescalar, não somente pela quantidade de negros inseridos nessas práticas, como, também, pelas extensas locomoções relativizadas diante da experiência escravista - que permeiam não somente ruas, como bairros e, por vezes, cidades da Região Metropolitana de Salvador, seguida pelo condicionamento, historicamente, do(a) negro(a) à margem, enquanto mão de obra liberta, o qual possibilitou somente a atuação nas ditas Zonas Limiaries³⁴ da produção urbana.

A paisagem de Salvador, nos dias atuais, ainda se dá na chave de uma forte presença negra³⁵, que vive do trabalho de rua e está em constante movimento e/ou fixados em “cantos” largos, praças, becos, orla, e demais pontos da cidade, desenvolvendo variados serviços, como venda de comidas e bebidas e objetos no geral. Diferente da Salvador do século XIX, mas, pode-se afirmar, numa relação de herança do que ela já foi. Esses trabalhadores e trabalhadoras, negros e negras, continuam construindo Salvador diariamente em uma troca mútua com suas presenças e práticas de trabalho, nos usos,

³⁴ Caracteriza-se as Zonas Limiaries como: “lugares sociais conformados por uma diversidade de categorias e sujeitos sociais, territorialidades e sociabilidades que se superpõem e se entrecruzam de modo complexo, não apenas no espaço, mas também no tempo.” (ROSA, 2017, p.187).

³⁵ Levando em consideração que Salvador é a cidade mais negra fora da África, estamos dizendo de uma população que é 80% negra.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

apropriações e produções do espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BATISTOTI, Aleida Fontoura. **Trabalhadores de rua na Salvador do século XIX: De quem estamos falando?**. In: 30º Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2019

BBC, News. **Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados**. 2018 disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235>>. Acessado em: 3 de out. de 2019.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Atlântico negro por Castiel Vitorino Brasileiro**. 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/atlantico-negro-por-castiel-vitorino-brasileiro/>>. Acessado em: 3 de out. de 2019

CEAS, **LAVADEIRAS: mulheres construindo um movimento**. Salvador: Ceas, jan. 1989.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. **EKABÓ! Trabalho escravo, condição de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX**. 1989. 245f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador/Bahia. 1989

_____, Ana de Lourdes Ribeiro da. **ESPAÇOS NEGROS: "cantos" e "lojas" em Salvador no Século XIX**. Caderno Crh: Cantos e Toques: etnografias do espaço negro na Bahia, Salvador, v. 4, n. , p.18-34, 1991. Quadrimestral. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/issue/view/1369>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. **Trabalhadores de rua de Salvador: precários nos cantos do século XIX para os encantos e desencantos do século XXI** 2006. 230f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

IPHAN. **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Dossiê IPHAN 4. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. 2a ed., 1995.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

MUKUNA, Kazadi Wa. **A origem africana do samba: mito ou realidade?**. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. VI Congresso de História da Bahia. Festa e comida: 22 a 24 de setembro de 2014. Salvador: Real Time, 2014. DVD.

NUNES NETO, Francisco Antônio. **A condição social das lavadeiras em Salvador (1930-1939): quando a história e a literatura se encontram**. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

REIS, João José. **A greve negra de 1857 na Bahia**. In: Revista da USP, São Paulo, n. 18, jul. ago. 1991.

_____, João José. **De olho no canto: Trabalho de Rua na Bahia na véspera da abolição**. Afro-Ásia, 2: (2000), 199-242.

_____, João José. **A revolta dos malês em 1853**. 2014. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, Thaís Troncon; LIMA, Eduardo R.; et. al. **Liminaridades**. In: JACQUES, Paola; BRITTO, Fabiana (org). Corpocidade: gestos urbanos. Edufba, Salvador, 2017. p.351-382.

SOARES, Cecília Moreira. **Mulher negra na Bahia no século XIX**. 1994. 126f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 1994.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileiro**. Petrópolis. Vozes, 1988.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro**. 1990

VELLOSO, Rita; FONSECA, João Paulo. **É greve!** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 13, página 22 - 27, 2019.